

A. G. D. G. A. D. U.

Aug. e Resp. Loj. Simb. União Harmonia e Fraternidade N.3582

MARECHAL FLORIANO PEIXOTO

O futuro Marechal Floriano Peixoto nasceu em 30 abril de 1839 em Ipioca no Estado de Alagoas. Fez seus estudos primários em Maceió e os preparatórios no Rio de Janeiro. Aos 18 anos ingressou numa brilhante carreira militar. Participou ativamente da Guerra do Paraguai, onde se distinguiu em diversos combates e batalhas: em abril de 1866 atravessou o Passo da Pátria em socorro a Osório, em maio participou de Tuiuti e depois das batalhas de Itororó, Villeta, Avaí, Lomas Valentinas e Angostura. Esteve em Peribeubui, Tupiú, Taquara e Campo Grande. Os historiadores afirmam que sua ação foi importante no cerco a Solano Lopez em Cerro Corá, quando trouxe como troféu a manta do cavalo do ditador paraguaio, morto em ação. Dois anos depois do final da guerra, em 11 de maio de 1872, casou-se com Josina, filha de seu tio e pai adotivo, o Cel. José Vieira Pinto. Assim como Osório, filiou-se ao Partido Liberal e chegou a ser nomeado presidente do Mato Grosso, ficando no cargo até a subida do gabinete do conservador Cotegipe em 1885. Desde então já possuía notórias simpatias pela causa abolicionista. Promovido a Marechal de campo em 6 de junho de 1889, evitou que ocorresse derramamento de sangue quando da implantação da República. É conhecidíssimo o episódio quando o Visconde de Ouro Preto, chefe do último gabinete ministerial do Império, lhe ordenou que atirasse nos rebeldes republicanos. Como hesitasse, o ministro inquiriu-o afirmando que o mesmo fora feito no Paraguai sem hesitação: “As bocas de fogo no Paraguai, senhor ministro, eram inimigas; aquelas que Vossa Excelência está vendo são brasileiras”.

O governo provisório confirmou-o no cargo de ajudante-general do Exército, uma espécie de vice-ministro e a 19 de abril de 1890 substituiu Benjamim Constant no cargo de ministro da Guerra. Participou da chapa de oposição ao Marechal Deodoro, liderada por Prudente de Moraes, derrotando Wandenkolk e sendo eleito vice-presidente da República com o maior número de voto dos quatro, enquanto o Mal. Deodoro derrotava Prudente. Com a crise que culminou não só com a queda do Barão de Lucena, monarquista nomeado por Deodoro e a dissolução do Congresso, mas acabou levando à renúncia de Deodoro, Floriano assume a Presidência da República em 23 de novembro de 1891.

Herdou um mar de instabilidade política e inflação galopante, Floriano enfrentou, com mão de ferro, revoltas e insubordinações, salvando a república e evitando uma cruenta guerra civil. Esmagou as revoltas das fortalezas de Lages e Santa Cruz, prendeu e reformou os 13 generais, liderados por Wandenkolk, que exigiam a sua renúncia e a eleição de um novo presidente. Nesta ocasião ficou conhecido com a alcunha de Marechal de Ferro.

Para complicar ainda mais a situação já confusa, estoura a guerra civil no Rio Grande do Sul. Floriano opta por apoiar o “pica-pau” positivista Júlio de Castilhos e o ministério se divide, liderados pelo ministro da Marinha – Almirante Custódio de Melo – que, a 6 de setembro, a bordo do encouraçado Aquibadã tenta derrubar Floriano, atacando no dia seguinte Niterói e manda bombardear a cidade. Floriano sem os vasos de guerra, pois estava-se em plena revolta da Armada, manda comprar navios usados no exterior e reformá-los na Bahia. A Armada apelidou estes navios de “Esquadra de Papelão”.

Saldanha da Gama assume o comando das forças rebeldes na baía de Guanabara e Custódio desce para Santa Catarina com parte da Armada, unindo-se aos “maragatos” que tinham transformado Desterro (hoje Florianópolis em honra a Floriano) na sede do novo governo provisório da República. Estávamos no início de uma guerra civil e o Rio de Janeiro era uma

verdadeira colméia em reboição. Outro fato importante na vida de Floriano foi a tentativa de um cônsul de nação estrangeira que anunciou que os marinheiros de seu país iriam desembarcar para proteger os seus compatriotas e perguntou a Floriano como seriam recebidos: a resposta foi seca e no feitiço do Marechal de Ferro – À bala!

Com a chegada da Esquadra de Papelão a sorte da contenda foi decidida e os rebeldes se refugiaram nos navios estrangeiros ancorados no Rio e Saldanha da Gama se exilou num navio português. No sul, a luta prosseguia, o Paraná foi recuperado, Santa Catarina ocupada e Custódio de Melo exilou-se na Argentina. Com a morte do líder dos “maragatos” - Gumercindo Saraiva - a revolta chegou ao fim.

Floriano em 15 de novembro de 1894 passa a faixa presidencial ao seu sucessor Prudente de Morais.

Floriano faleceu, menos de um ano depois, na Fazenda Paraíso, em Barra Mansa, às 17 horas do dia 29 de julho de 1895 com a saúde abalada e envelhecido precocemente pelos acontecimentos advindos da revolta da Armada. A Pátria o considera o Consolidador da República.

Em termos maçônicos, a figura de Floriano gera controvérsias.

Castellani no seu livro ‘Os maçons que Fizeram a História do Brasil’ afirma que “embora alguns autores insistam em afirmar o contrário, Floriano Peixoto foi maçom. Segundo o pesquisador João Alves da Silva (de Maceió –AL), o maior estudioso maçom do “Marechal de Ferro”, Floriano pertenceu à Loja “Perfeita Amizade Alagoana”, fundada em 1868, no qual seu tio, José Vieira de Araújo Peixoto, era, na época da fundação, o Secretário. Com o nome heróico de Alexandre Magno, Floriano foi iniciado, em 1875, nesta Loja”(pag.61).

Já Kurt Prober, na sua ‘A Bigorna’ nº 61 de 20/out/1986, no item ‘O Marechal de Ferro, Pres. Floriano Peixoto não foi maçom’ relata que “não foi nenhum outro do que o Gr. M. Antônio Joaquim de Macedo Soares que, ao escrever em agosto de 1895 (Floriano tinha falecido em 29/06/1895) um artigo “A Paz”, publicado às páginas 201/203 no Boletim do Gr. Or. do Brasil, comentando um ‘Comunicado de 26/08/1895 do novo presidente maçom Prudente de Morais, no governo desde 15/11/1894 – tinha comentado a terminação da luta civil no Rio Grande do Sul, desencadeada em 1893, no governo do Vice-Presidente Floriano Peixoto, em exercício.

No aludido artigo o Gr. M. Macedo Soares, para dar a sua ‘puxada política’ como funcionário público sai-se com esta: ‘...A ninguém ha (sic) de ter esquecido quantos esforços empregou... O nosso saudoso Ir. Floriano Peixoto o marechal de Bronze (?), etc... para pacificar o Rio Grande do Sul...’.

Errou triplamente,... pois a luta civil começara em seu governo, por culpa sua, não foi ‘Floriano Peixoto’ maçom, e portanto não podia ser Ir. e finalmente eu só conheço a expressão ‘Marechal de Ferro, que até vem citada numa ‘Medalha’ popular, cunhada em fins de 1893...”(pag.3).

Eis, portanto, a opinião de dois dos nossos mais ilustres maçónólogos divergindo fundamentalmente sobre a credencial maçônica ou não de nosso Marechal de Ferro. Trata-se, agora, de aprofundar as nossas pesquisas maçônicas para dirimir esta dúvida.

Marechal Floriano Peixoto